

A criação literária e a psicanálise como representantes da condição humana

pg 134-140

Ana Rosa Gonçalves de Paula Guimarães¹

Resumo

O presente artigo busca trazer a interface como um campo de saber contemporâneo, entre a Literatura e a Psicanálise - como duas áreas de conhecimento, as quais possuem diálogos e hiatos. As aproximações devem-se a busca pelo mistério da palavra diante das imagens e da experiência da linguagem, constituindo-se, com isso, a revelação, o confronto e a transformação, acerca da condição humana. A linguagem será evidenciada por meio da escrita imaginativa durante o Romantismo e com as correntes críticas literárias: o formalismo russo e a estética da recepção.

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Romantismo; Linguagem; Interface.

LITERARY CREATION AND PSYCHOANALYSIS AS REPRESENTATIVES OF HUMAN CONDITION

Abstract

This article seeks to bring intertextuality as a field of contemporary knowledge, between Literature and Psychoanalysis - as two areas of knowledge, which have dialogues and gaps. The approximations are due to the search for the mystery of the word before the images and the experience of the language, constituting, with this, the revelation, the confrontation and the transformation about the human condition. The language will be evidenced through imaginative writing during Romanticism and with the critical literary currents: Russian formalism and the aesthetics of reception.

Keywords: Literature; Psychoanalysis; Romanticism; Language; Intertextuality.

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não deixou sonbar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (FREUD, 1907 [1906]/1996, p. 20)

Introdução

As convergências de diversos espaços de conhecimento proporcionam a interface, a mistura, o espaço vago e a transgressão. O “entre” abarca o variado, o múltiplo, o um e o outro, a partilha, além da resistência ao discurso científico moderno. Como a interface compartilhada por vários campos de conhecimentos, estes também apresentam hiatos, a fim de pontuar o poder e domínio de cada saber.

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail anarosa.psi@hotmail.com

Entre diálogos e hiatos: a literatura e a psicanálise

Como um fenômeno notoriamente humano, a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial quanto à própria condição humana. No encontro com a literatura ou com as artes em geral, os indivíduos têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. A linguagem literária é plural por excelência e a obra literária é plurissignificativa, devido à natureza dos elementos e das relações que constituem a sua estrutura formal e semântica, isto é: a língua simbólica à qual pertencem as obras literárias é por estrutura, uma língua plural, cujo código é constituído de tal modo, que qualquer palavra (qualquer obra), por ele engendrada, possui significados múltiplos.

Candido (2000) defende a ideia de que a literatura é um dos direitos fundamentais do ser humano, exatamente porque ela revela e depois “atua” sobre o homem, por meio de uma força “humanizadora”, da qual todos deveriam ser abrigados. Ao confirmar no homem a sua humanidade, a literatura exerce aquilo que faz próprio ao ser humano, como: a reflexão, a relação com o outro, o sentido de beleza, a percepção quanto à complexidade do mundo e a busca por verdades. Nesse sentido, a leitura constitui-se como um processo de descoberta de um universo desconhecido.

Para Clüver (2018), o estudo literário nas pesquisas interdisciplinares ou nas interartes é uma tendência contemporânea, que busca novas ferramentas e formação à nova geração pesquisadora dos meios e sistemas de signos das produções artísticas. Os “entres” podem realizar-se como um projeto, uma dimensão e uma peregrinação dos saberes.

A ideia de interface não busca a precisão, mas o vago e a abstração (HISSA, 2002).

Conseqüentemente, o vago sugere a ausência, a qual é questionada pela memória e pelo desejo do sujeito. O “entre”, para o autor (2017), é um espaço que, por si só, implica na existência de um, de outro ou de vários. O intervalo entre objetos físicos, uma distância preenchida por híbridos diversos, a pluralidade, o diálogo criativo e a desconstrução de especificidades, caracterizam o “entre”, isto é, converge-se em trans, no comum, na partilha, na distância e na proximidade, no intervalo e no pertencimento.

Uma representação de mundo: superposição e intersecções, desmedido, universo de ressonâncias entre células – complexas, por si, mas, sobretudo, em suas ramificadas relações entre elas e o seu ambiente exterior; um conjunto plural de silêncios e de vazios fabricados por ignorância, acasos históricos, processuais ou efêmeros, espaço fronteiriço constituído de excessos que também dizem o mundo. (HISSA, 2017. p. 13)

O conceito de limite implica em dois ou mais mundos que, ao buscar a divisão, procura detectar a diferença diante dessa separação. O limite é tão somente um disfarce concebido como instrumento de saber; também sugere a ideia de obstáculo ao trânsito livre e, portanto, circunscreve que as “partes” sejam reconhecidas na especificidade do “todo”, isto é, produz à vigilância da liberdade. Para Hissa (2002, p. 9), “o limite insinua a presença da diferença”, como também há a “[...] confirmação de um ‘outro’ e de um ‘eu’, vigiando-se mutuamente”. (HISSA, 2002, p. 19)

Devido ao fato de ser uma concepção inventada para atribuir sentido às coisas e facilitar a interpretação de espaços, de acordo com Hissa (2002), o limite pode ser compreendido como próprio do âmbito natural, visto desconhecer a sua própria existência - estranha em si mesma. O limite sugere o entrecruzamento, a interpenetração, a abstração do olhar e a inquietação da visão, possibilitando, com isso, diferentes interpretações acerca de si.

Nesse sentido, a chamada grande literatura é de importância fundamental também para a psicanálise, porque a narração ficcional de fatos novos integra acontecimentos reais ou verossímeis, nos quais se misturam tempo e espaço, despertando no leitor horizontes inéditos e o envolvendo em situações emocionais novas ou recordadas. Dessa forma, ambas as práticas atrelam-se, fazendo despertar no outro a reflexão, a identificação, o estranhamento, o que revela a condição humana e as originais possibilidades de posicionamento ou pensamento frente ao mundo e às circunstâncias.

As práticas em questão, tanto a literária quanto a psicanalítica, resultam do mesmo homem preocupado com seu passado, a tradição, a cultura e o futuro. Todavia, a literatura, por ser ligada à criação, abre horizontes ilimitados de sentido, que ultrapassam o próprio autor e continua sendo sempre uma fonte inesgotável de conhecimento, autoconhecimento e reflexão. É, portanto, marcada por sua atemporalidade.

De acordo com Kon (2013), a compreensão do pensamento freudiano e o modelo de homem condizente com uma teoria da alma humana, mostram que a psicanálise possui ressonâncias e confluências próprias à literatura fantástica do final do século XIX. A literatura se firma em um lugar de transição, onde campos duais (como por exemplo, a realidade e a fantasia, o real e o irreal) eclodem à sobreposição de noções inconciliáveis, devido à busca pelo mistério do inexplicável e pela presença da estranheza, que conduz a uma necessidade reflexiva e/ou explicativa acerca destes mistérios, milagres ou enigmas. Nesse sentido, o “homem-psicanalítico” seria dotado de uma interioridade, que também, abrigaria a exterioridade do maravilhoso; teria uma subjetividade valorizada e particularizada. Assim, o inconsciente freudiano é um universo psíquico que acolhe o mistério, o irreal, a atemporalidade e os enigmas, os quais podem ser decifráveis.

Como destaca Kon (2011), a psicanálise é uma arte interpretativa, que traz, do poder fertilizador das manifestações artísticas, o fazer engenhoso e inventivo, ao assumir o objetivo de evidenciar e repelir uma perspectiva cientificista e tecnicista, as quais ainda saturam o campo psicanalítico e que propõe para si uma atividade revestida de uma suposta neutralidade, que apenas desvelaria as experiências traumáticas, as fantasias e os desejos submergidos por meio do recalque. Nazar (2009) observa que a articulação da psicanálise e da arte através do recorte com a literatura encontra-se justamente na linguagem inconsciente, situada a partir da descoberta freudiana de que o artista escreve com seu inconsciente e antecipa o analista, visto que, a palavra no contexto psicanalítico, assim como no literário proporciona o encantamento, a ação mágica, o poder metafórico, nomeia e, estes são “espaços” onde a linguagem e a vida constituem-se como uma unidade.

A linguagem, portanto, se apresenta com toda a sua potência criadora de uma nova subjetividade: a linguagem que é palavra poética e não apenas condução de comunicação de ideias de transmissão de um conhecimento já dado. Tal palavra não é mais descritiva e acessória. Ela é literatura, o espaço de criação de sentidos e de realidades. Para Kon (2011), é vinculada ao psicanalista, assim como ao escritor, a criação, o processo de inventividade e de desvelamento, sendo que, a linguagem poética, quando se oferece plena, pode reescrever a experiência de cada história particular.

No entanto, Rosenfeld (1996) adverte ao uso indiscriminado da “psicologia profunda” nas obras de arte, isto é, discuti-las como uma espécie de dados clínicos, a fim de investigar as anomalias psíquicas de seus autores. Aponta também que, alguns psicanalistas reduzem problemas gerais a casos particulares, contendo certas psicopatologias e, a partir disso, negam as respectivas obras, a universalidade configurada em Aristóteles, sobre a *Arte Poética*.

Contudo, em *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen*, Freud (1907 [1906]/1996) salienta a importância dos escritores ao conhecimento psicanalítico, em especial, aos estudos fundamentalmente do inconsciente, que ultrapassam os elementos de análise da psiquiatria, pois, se expande a uma visão de que a arte é uma fonte para a psicanálise, visto que antecipa e aponta situações da condição humana. Assim como, por exemplo, em um texto literário, em que a linguagem é plurissignificativa, determinados fatos buscados pela compreensão psicanalítica podem ter muitas possibilidades interpretativas, porque a existência e o trabalho psicanalítico estão em contínuo devir:

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (FREUD, 1907 [1906]/1996, p.20).

Desse modo, Kon (2011) apresenta que muitos autores que exploram a região de fronteira entre a psicanálise e o fazer poéticos e agruparam, primordialmente, sob duas orientações gerais. De um lado, aqueles que utilizam o pensamento psicanalítico como bússola teórica em sua tentativa de elucidar um suposto sentido oculto no impulso criador do artista e/ou na obra por ele criada; e, de outro, há autores que procuram trazer para o interior do pensamento e do fazer psicanalítico, a potência da fantasia criadora de realidades, força intrínseca à criação artística.

A temática entre a articulação da psicanálise fundada por Freud e do Romantismo Alemão tem sido objeto de interesse desde o período em que o referido psicanalista era vivo. As discussões sobre as possíveis afinidades entre as duas correntes de pensamento tiveram como “patrono” Thomas Mann, cujo qual não hesitava em inserir a

psicanálise freudiana na linhagem dos pensadores românticos. As possibilidades desencadeadas por tais inter-relacionamentos adviriam do interesse de Freud por temáticas que marcam a alma romântica como, por exemplo, o sonho, a loucura, a morte, a interioridade e a subjetividade. Entretanto, o próprio Freud e alguns outros estudiosos sobre o assunto não são unânimes quanto a tais aproximações.

A arte, ou nesse caso mais especificamente, a literatura, assume na psicanálise o papel de solo a ser explorado para que se legitime o alcance universal das hipóteses clínicas, permitindo que se ultrapasse o interesse psicopatológico e terapêutico das formulações freudianas, para a criação de uma verdadeira teoria sobre o homem.

A linguagem: da poética, da vida e da transformação

O sentido moderno de literatura como escrita imaginativa pode ser detectado até os teóricos românticos alemães do final do século XVIII. Para Culler (1999), a literatura é linguagem que diferentes elementos e componentes do texto que entram em uma relação complexa. Há relações entre diferentes níveis, como: o sentido e a forma, o tema e a gramática, e os elementos de efeito do “todo”, isto é, a harmonia, a integração, a tensão e a dissonância. O estudo da literatura, com isso, abarca a organização da linguagem do texto, a expressão da psique do autor, assim como o reflexo da sociedade que a produziu.

Para a estética da recepção, contudo, o processo de comunicação entre o autor, o texto e o leitor estão interconectados em uma relação a ser realizada acerca de algo que inexistia. Tal concepção, contudo, conflita com a noção tradicional de representação, visto que a mimesis, destaca um referencial a uma realidade “pré-dada”, onde almeja ser representada. Assim, no sentido de Aristóteles, a função de representação é dupla, pois, toma-se

perceptível as formas constitutivas da natureza e ao contemplá-la, deixa-a incompleta.

A partir disso, embora a importância da mimesis não seja restrita à mera imitação, em nenhum dos dois casos, os processos de elucidação e de complementação exigem uma atividade ativa e performática, porque, as ausências aparentes contidas no texto serão transformadas em presenças (ISER, 1979). Com isso, as disposições produzidas, a fim de privilegiar o aspecto performático da correspondência entre autor, texto e leitor, advêm desde o mundo moderno, cujo qual, o objeto de representação, a princípio, estaria dado. Neste cenário, um novo material a ser modelado por meio da atividade comandada pelo texto, pela leitura e pelo processamento do texto ao efeito sobre o leitor e, assim, produzindo a interação. Iser (1979) destaca, portanto, que este novo produto, não é determinado pelos traços, estruturas e funções do material referido e contido no texto, mas, é devido à percepção e efeitos sobre o outro, que são imprescindíveis. O papel desempenhado pelo leitor permite sua ação sobre a leitura do texto e, tal fato trata-se da inauguração proposta pela estética da recepção, em que, considera-se, inicialmente, este mesmo leitor como o centro da recepção, circunstância esta, que implica a deixar de lado a reorientação teórica dos estudos da literatura, a qual, o movimento teria operado ou poderá vir a operar.

A relação interativa no mundo social deriva da contingência dos planos de conduta, da contradição de experimentar-se com a vivência alheia, e não da situação comum ou das convenções que reúnem os parceiros. Pertencerá ao leitor, deste modo, o preenchimento de vazios do texto, através da sua imaginação, sendo que, há o objeto intencionalidade pelo autor, que, entretanto, não foi dito. As possibilidades interpretativas do texto preparam o leitor a desempenhar seu papel, a qual requer um leitor ativo, possuidor de experiências, compreensões e conhecimentos prévios, a fim

de fazê-lo pensar e refletir acerca do que foi dito, ocasionando a ligação entre a estrutura (textual) e o sujeito (o leitor).

De acordo com Eagleton (2006), a literatura pode ser inerente ao que as pessoas fazem com a escrita, quanto ao que a escrita faz com as pessoas. A linguagem literária apresenta a beleza, a “movência” e a perenidade. Enquanto uma categoria subjetiva, a literatura manifesta-se diante de valores e ideologias sociais. Há pressupostos com os quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre os outros. A partir do tempo e o espaço de determinada época, tenta-se compreender as atitudes e comportamento de seus indivíduos, bem como as temáticas e técnicas das manifestações artísticas de dado contexto histórico, social e cultural.

O contato entre sujeito e sociedade, no Romantismo, por exemplo, remonta ao fato de que em cada época histórica existe o *Zeitgeist*, isto é, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, o qual possui determinadas características de uma dada época. O conceito de “espírito de época” ou “espírito do tempo” remonta aos românticos Herder e Hegel, os quais enfatizavam que determinado artista é um produto de sua época, carregando sua cultura e seu momento histórico em suas produções.

Diante das produções românticas, pela primeira vez, segundo Nunes (2000), os poetas assumiram serem híbridos-poetas-críticos ou críticos-poetas, ou seja, haveria duas críticas: a interna, do poeta-crítico, em simetria com a figura do poeta-filósofo aparecida à mesma época, e a crítica externa, do crítico, que se distanciaria do ser artista ou do ser poeta.

Entre o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, Moisés (2007) conclui que o isolamento do poeta passa a ser experiência efetivamente vivida pelo homem comum que, sentindo-se “excluído”, pode vir a se identificar com

o poeta, desde que veja nos devaneios e estranhezas da nova poesia confessional, o retrato de suas ansiedades pessoais, incertezas e de autoafirmação. Partindo desse ponto, Safranski (2010) destaca que o poeta assumiria, no Romantismo, o papel desempenhado pelo sacerdote na sociedade tradicional. Entretanto, o poeta é acessível e permite que outros mergulhem no divino, isto é, seria mediador do conhecimento e sua missão era a de transmitir ideias. A poesia reflete os grandes acontecimentos espelhados pelas ideias, passando às coisas, como também acena aos séculos, aos povos e aos impérios.

No período romântico, a melancolia era considerada uma condição que propiciava o sublime e a contemplação. A emotividade, o pessimismo, a valorização da morte, o desejo de evasão, foram apenas algumas das formas do romântico revelar sua perplexidade ante a um mundo, cujos padrões e valores ficaram inaceitáveis, em especial a partir da eclosão da Revolução Industrial. Sob as fatalidades circunscritas na sociedade em que se vive o romântico, muitas vezes mergulhou na melancolia, na aceitação e até mesmo no cultivo de tal infelicidade, fato que, dado a demanda histórica, a melancolia seria uma condição necessária dos poetas para a produção artística.

Segundo os conceitos tradicionais de Aristóteles (2007) sobre a arte, ele descreve que a literatura deveria propor a reflexão, o incômodo, o estranhamento, por meio da imitação da essência. Contudo, esta arte não seria inspirada apenas na imitação, ela é a recriação, a representação do real, a qual, por meio da verossimilhança, por verdades gerais e pelo discurso poético, que, através das palavras plurissignificadas, arranjadas e estruturadas, ocasionariam no leitor, o prazer e a necessidade pela busca do conhecimento e, principalmente pelo autoconhecimento. Entende-se o texto literário como possuidor da matéria-prima a linguagem, a palavra, como formas de

representação e, descreve como obras clássicas aquelas, as quais se immortalizam pelo caráter atemporal, pelo arranjo e pela maneira de como o discurso foi pensado e organizado.

Nesse sentido, a velha dicotomia “forma-matéria” – *Gebalt und Gestalt*, é tratada pelo alemão Oskar Walzer. De acordo com Wellek (1978), Walzer evidenciou artifícios técnicos individuais da categoria de histórias da arte, inventadas por Wölfflin, para as histórias literárias. O termo “forma orgânica” também foi revivido na Alemanha, por Günther Müller e Horst Oppel utilizando-se de analogias biológicas. Para estes dois autores, a obra de arte e o ser vivo parecem indistintas.

Os formalismos russos, assim, são contra a crítica ideológica que os cerca, isto é, a ideia de “forma” seria um mero continente dentro do qual é lançado o conteúdo. O conteúdo implica algum elemento da forma do conteúdo, de maneira com que o modo está arranjado no enredo e faz parte da trama. Wellek (1978) aponta que a estrutura da obra artística não se esgota por meio do estudo literário. A arte é uma totalidade de valores, que não adere simplesmente à estrutura, mas constitui sua própria essência.

O Romantismo pode ser considerado como um movimento que buscou a unidade perdida, por meio das dicotomias, dos choques entre os opostos, do rebaixamento ao universo das emoções e do olhar às camadas inconscientes da mente, ansiava por uma síntese, a qual originou o direcionamento rumo à subjetividade e ao cultivo da interioridade, tendo por desenrolar a necessidade do encontro do homem romântico com o seu Eu ou com os seus diversos “Eus”.

Considerações finais

As fronteiras, limites e “entres” contribuem para estabelecer os pontos em comum entre diferentes espaços do conhecimento, que buscam

a transição, o transitar e a transformação. As disciplinas não conversam sozinhas, mas agregam o saber de outras, produzindo uma zona de transição, um espaço em comum e de convivência.

A representatividade, tanto na poética como na psicanálise, é possibilitada por meio da linguagem, que sistemas de símbolos arbitrários – as palavras podem possuir uma relação intrínseca com as coisas que elas significam. Diante disso, o “nome” carrega em si, certa imitação das coisas, convenções e costumes.

Referências

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. (P. Nassetti, trad.) São Paulo: Martin Claret, 2007.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. In: _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz; Publifolha, 2000.

CLÜVER, Claus. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. *Literatura e Sociedade: Revista de teoria literária e literatura comparada*, São Paulo: FFLCH/USP, n. 2, dez. 1997, p. 37-55. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/lis/article/view/13267>>. Acesso em 13 jul. 2018.

CULLER, J. O que é literatura e tem ela importância?. In: _____. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999, p. 26-47.

EAGLETON, T. O que é literatura?. In: _____. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREUD, S. Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen (vol. IX). (Trabalho original de 1907 [1906]). In: *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HISSA, C. E. V. Fronteiras. In: _____. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia da crise da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. (Coleção Humanitas).

HISSA, C. E. V. Entre. In: MOREIRA, M. E. R.; SILVA M. I, S. (org.). *Literatura: espaço fronteiraço*. Colatina/Chicago: Clock-Book, 2017.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (org. e trad.) *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KON, N. M. *Freud e seu duplo: Reflexões entre psicanálise e arte*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1996.

KON, N. M. *A Viagem: da literatura à psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MOISÉS, C. F. *Poesia & utopia: sobre a função social da poesia e do poeta*. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

NAZAR, T. P. *O sujeito e seu texto – Psicanálise, arte, filosofia*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2009.

NUNES, B. Crítica literária no Brasil, ontem e hoje. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Rumos da crítica*. São Paulo: Editora SENAC; Itaú Cultural, 2000.

ROSENFELD, A. *Texto/Contexto*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SAFRANSKI, R. *Romantismo: uma questão alemã*. (R. Rios, trad.). São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

WELLEK, R. Conceito de forma e estrutura na crítica do século XX. In: _____. *Conceitos de crítica*. Cultrix: São Paulo 1978.

Submissão: 04 de dezembro de 2018.

Aceite: 17 de dezembro de 2018